3 1761 07044499 7

SANTOS GALVÃO

# RISADAS

POËSIAS HUMORISTICAS

EDIÇÃO
DA
LIVRARIA NEVES
COIMBRA
Maio-1912

# RISADAS

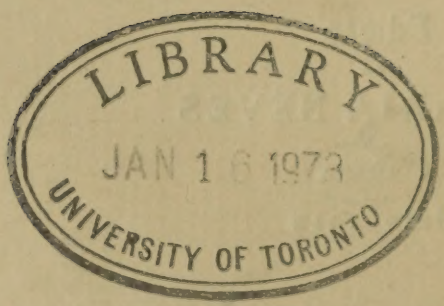
Poësias Humoristicas

PQ
9261
G284
R5

Do mesmo autor:

MUSA DO SUL

Em preparação



*A seus irmãos*

*of. e ded.*

*Sebastião dos Santos Galvão.*

# A quem ler

o o o

O' tu, mortal, que folheias
Este misero caderno,
Se acaso sentes nas veias
Impulsos de sangue ardente,
Lançál-o-ás de repente
Nas labaredas do Inferno.

Se te latejam as fontes
Na febre da inspiração,
Erra a vista pelos montes,
Busca largos horizontes,
Deixa o caderno da mão.

Esse fogo altivo e nobre
Ateia-o com outro vento...
Meu pobre amigo, sou pobre
De dinheiro e de talento.

Coimbra — 1911.

# Em Lisboa

o o o

P'la rua do Oiro acima
Dois patuscos encontrei;
Falavam muito indignados,
O que diziam não sei.

Caso extranho: de repente,
Pára um deles mesmo em frente
Duma montra que apresenta
O mais formoso modelo,
E confundindo-se, ao vêl-o,
Um murro no vidro assenta.

Logo preso, grita irado
Ao seu amigo *Caveira:*
— Não te parece a tal *gaja*
Que me empalmou a carteira?

Lisboa — 1909.

# Em Coimbra

o o o

Cidade intelectual
Onde o saber se procura...
A *cunha* faz *ursos,* lentes,
Bachareis a formatura.

Para falar — o estudante,
O veterano com *lata,*
Embora não pesque boia
Do assunto de que se trata.

Faz discursos. «Isso é vago»
Diz-lhe outro com gravidade;
Mas elle não se perturba,
Diz palavrões á vontade.

Ai pobre *bicho* ou caloiro
Com quem um dia se zangue!
Corta-lhe rente o cabelo,
E deixa-lhe as mãos em sangue.

*

* *

Para cantar — as tricanas.
E muitas que lindas são!
O eco dos seus fadinhos
Ouço-o eu no coração.

Finalmente afirmarei,
Não julguem que é brincadeira:
— «Quanto á parte musical,
Para tocar — O Zé P'reira».

Coimbra — 1910.

# Entre estudantes

o o o

Um deles passa.
E muito efusivamente
Vem cumprimentar a gente,
E diz com graça:
— «Colega qu'rido!»
Mas o outro a quem falou
Sorriu, as costas voltou,
Despercebido.
— «Dize afinal
Onde te posso encontrar
Logo, depois do jantar...
Um giro... e tal...»

— «Bravo! Bizarro!
Pois eu tinha como firme
Que vinhas d'aí pedir-me
Algum cigarro.»

Coimbra — 1911.

# Maria da Graça

*(Imitando Augusto Gil)*

o o o

I

O clamar veneno exala,
Por isso não me concentro.
E a mulher que pouco fala
Guarda o veneno lá dentro.

2

Ha dias falas-me assim
Com um modo encantador;
Dizes que gostas de mim,
Que me tens um grande amor...

3

Mas hoje voltas-me as costas,
Talvez por não vir de trem...
E' certo que tu não gostas
De quem não usa vintem.

4

E de sincero alardeias
Um amor interesseiro
Amor que dás ás mãos cheias
Se ás mãos cheias ha dinheiro.

5

Alguem, ao ver-te na rua,
E a quem a luxuria arrasta,
Soprou-me: — «Vou vêl-a nua,
Que afinal pouco se gasta.»

6

Maria da Graça é uma
Rapariga cubiçada.
Não tem familia nenhuma
E adormece acompanhada.

Coimbra — 1911.

# O padre e o profano

o o o

I

Discussão acalorada
Certo dia se travou
Entre um profano e um padre
Que muitas missas rezou.

2

— «Quem a discutir se atreve
Do clero o poder sagrado?»
Gritava ele tremendo
De raiva, feroz — coitado!

3

Impõe-se o profano vil,
E o padre, que já gastara
Os seus velhos argumentos,
Resolve partir-lhe a cara.

4

Ao ar os punhos cerrados
Com gesto brusco levanta,
Bramindo, vociferando,
Cevando a crueza santa.

5

Mas, nisto, rapida queda,
E da morte o estertor,
Funeriamente anunciam
Que passou desta a melhor.

6

Sabem de que ele morreu?
Todos dirão: «O profano
Certamente é que o matou»;
Mas não ha mais puro engano.

7

Raivosos dentes caninos
Tinha num pulso cravado:
Veneno do proprio sangue
O deixou envenenado.

Coimbra — 1910.

# Rindo

o o o

I

A mulher, na maioria,
Sabe iludir com juizo,
Mente mil vezes no dia,
Chora ou ri quando é preciso.

2

O homem diz que se preza,
Que a mentir nunca se viu.
Mas agora, com franqueza,
Qual de vós nunca mentiu?

3

A verdade, o quer que seja,
Não é ideia confusa;
E' coisa que se deseja
Mas que nem sempre se usa.

Coimbra — 1911.

# Fumando

o o o

I

Dar um cigarro é custoso,
Faz pena sacrificál-o.
Mas recebêl-o é um goso,
Cada fumaça um regalo.

2

Entre amigos um cigarro
A ninguem se regateia...
Parece-me até bizarro
Só fumar por conta alheia!

3

Acha alguem que do bolsinho
O tabaco enjôo lhe faça?
Peça um cigarro ao vizinho
Que o enjôo logo lhe passa.

4

Nós temos notado já
Num cigarro mau sabor,
E afinal, se alguem nos dá,
Fumamos outro peor.

5

O cigarro é coisa bela
Se com a *pêga* a mãe vejo:
Deita-se o fumo p'ra ela
E á filha sorve-se um beijo.

Coimbra — 1911.

# Os padres

o o o

Por acessos de paixão
Que os padres sofrem tambem,
Muita gente diz que são
Mais daninhos que ninguem.

Eu cá por mim, queiram crer,
Acho não devo fazer
Tal juizo; e a razão
E' que dos padres a seita
Usa uma certa receita
Que aumenta a população.

Olhão — 1907.

# Derrota franquista

o o o

I

Nas encolhas, o João Franco
O doutor mandou chamar,
Que pegou logo na pena
Começando a receitar.

2

Inclinou-se o grão-talassa
Num aflitissimo aceno,
Ao ouvir dizer o medico:
«Remedio contra-veneno».

3

— «Não se assuste, conselheiro,
(Diz-lhe o sabio prontamente)
P'ra desgostos de politica
Não ha outro mais recente.»

Olhão — 1908.

# Lasciate ogni speranza voi che'ntrate

*(Dante)*

o o o

No Inferno vaes penetrar.
Esp'rança!? Que esperas tu?
Só tens que te encomendar
Aos cornos de Belzebú.

Coimbra — 1911.

# Palavras d'«A Satira» (1)

o o o

Quando *A Satira* apar'ceu,
Muita gente e até eu,
Poz-se a vêr-lhe bem a cara:
Sem dentes e decidida,
Vermelha e cheia de vida,
Como feia muito rara.

Eu a vêl-a e ela a rir,
A querer encavacar-me...
Depois berrou  fez alarme,
Depois falou — fez-se ouvir:

---

(1) Revista humoristica de Lisboa.

— «Viva a bela versalhada,
Fresca, boa, sem rival!...
Aqui, ó rapaziada,
Ri Voltaire e Juvenal.
Eu rio, tu ris, ri ele,
Ha-de rir tambem aquele
Que sisudo se fizer.
Rimos todos afinal.
Depois quem riu? Foi Voltaire?
Foi Voltaire ou Juvenal?
Qual for não hei-de apontar.
Desde agora alvitro pois
Que quando alguem se picar
Instaure processo aos dois.»

Ouvi tudo e ponderei
Que picada sem ferrão,
Sem alfinete que pique,
E' bofetada sem mão;
E' mesmo ofensa que fique
Sem perdão... Mas eu nem sei

O que dizer
De tal picada.
Deixar meter,
Sem se doer,
Qualquer piada,
Tambem não é bom teor...
Mas é talvez o melhor.

Coimbra — 1911.

# Os crimes d'amor

o o o

Ha crimes que são punidos,
A meu ver injustamente;
Ha delitos reprimidos
Sem um criterio decente.
Antes não haver Justiça
Que havêl-a assim enfermiça,
Que havêl-a tão deprimente.

Alguem pensou já a serio
    Nos crimes d'amor?
Tristeza de cemiterio,
Modo soturno, funereo,
Mostra o amante... Que horror!

Bem depressa a punição
Destes tristes desgraçados,
Decapitados,
Oxalá desapareça.
Insurjo-me com razão,
Pois bem sabem os juizes,
De juridicos narizes,
Que o amor não tem cabeça,
Tem apenas coração.

Coimbra — 1911.

# Monoculo e luneta

o o o

Tẽem-me dito os rapazes
Que acusam essa tineta:
— «Olha lá, por que não trazes
Monoc'lo em vez de luneta?»
Uma resposta cabal
Sem mesmo sombra de pêta,
Sem reflexão, nem cuidado,
E' mais que simples, banal:
— Um só olho envidraçado
Não conviria depois.
Tenho a razão por meu lado
Porque sou miope dos dois.

Olhão — 1911.

# O Ideal

o o o

Um barbeiro façanhudo,
Que barbeia todo o dia,
De cara cheia, ventrudo,
Anda com tal arrelia,
Tão quente nos seus protestos,
Que em muitos dias receio
O fervor daquelles gestos,
Sempre feitos de navalha:
    Ás vezes um gesto falha
    E a navalha dá em cheio.

Contra as maquinas de barba
E' que o barbeiro protesta;
Essa invenção que hoje infesta
As casas dos seus freguezes
Que noutro tempo já foram.
Hoje a si mesmos se bastam,
Barbeiam-se e nada gastam,
Por semana duas vezes.

O homemzinho, coitado,
Mostra-se então penhorado,
Entre outros, para comigo:
Põe-se alegre de me ver,
E chega mesmo a dizer
Que eu sou muito seu amigo.

Mas ha tantos refratarios
A' navalha do barbeiro,
E tão extraordinarios
São os sustos que eu apanho

Quando elle vae a zangar-se,
Que, se dinheiro arrebanho,
Seja qual for o dinheiro,
Desde que seja bastante,
Logo digo sem disfarce,
Ao barbeiro protestante,
Que tambem sou refratario,
Que o nosso grande Ideal
E' ser patrão e operario
Por nossa exclusiva conta.
E essa maquina rival
E' o Ideal que desponta.

Coimbra — 1911.

# O fado

*(A' guitarra)*

o o o

I

Eu sempre tive paixão
Por ouvir cantar o fado,
Batido com devoção,
De belo vinho regado.

2

Logo desde pequenino
Meu desejo era cantar,
Já me dizia o destino
Que ao fado eu vinha parar.

3

Este fogo que me abraza
Cresceu e preso me tem:
Hoje não tenho uma casa,
Na rua sinto-me bem.

4

As bambochatas, as ceias,
As coisas que dão prazer,
Fazem correr-me nas veias
Um sangue quente, a ferver.

5

Ando contente comigo,
Canto sempre, qual cigarra,
Tenho o fado por amigo,
Por companheira a guitarra.

6

A paixão da fadistice,
Que em vinho nunca se afoga,
Vem sempre da meninice,
Vae do berço até á cova.

7

O' rico burguez, tu queres
Vida opulenta, de tom,
Eu quero o fado, as mulheres,
Eu quero aquilo que é bom.

Olhão — 1911.

# Desafronta

o o o

E' modelo de cobardes
O padre Santa Luzia
Que de ver eu gostaria
Metido num longo espeto:
Pois numa grande assembleia
O caróla petulante
Teve o descaro, o desplante
De me chamar *leigo* e *preto*.

Propuz-lhe logo um duelo,
Pedi-lhe uma explicação.

De raiva, d'indignação,
Quizera fazêl-o em dois.
Disse que não se batia,
E quanto a ter que explicar-se,
Acrescentou com disfarce
Que fál-o-ia depois.

São assim estes mostrengos.
Nunca se batem cá fóra;
Mas em casa, a toda a hora,
Dão voz de fogo cerrado!
E com quem são essas brigas?
Ora com quem! Com a ama,
Porque não faz bem a cama,
Porque dá trela ao criado.

Hontem á noite, por ele,
Veiu um padre, seu amigo,
Fazer as pazes comigo.
Que santos tão diabolicos!

— «Por que sou *leigo?*» Ele explica:
— «É que sua reverencia,
Pela propria experiencia,
Julga leigos os catolicos».

Com franqueza, d'esta vez,
Achei-lhe certa razão.
Depois perguntei então:
— «Por que sou *preto,* meu cura?»
Ele põe-se ás gargalhadas
Mas a falar não se nega:
— «Não sabe que o meu colega
Trazia luneta escura?»

É arrojada esta gente,
No baixo insulto um prodigio;
Mas se alguem desejo sente
De reparar seu prestigio,
Recua cobardemente.

Coimbra — 1910.

# O que eu penso

*(A'cerca da vida jornalistica)*

o o o

Durante a finda semana
Pensei eu, e pensei mal,
Deixar-me da vida insana
Que a muitos seduz e engana,
Desta vida do jornal.

Mas agora, reflètindo,
Penso eu, e penso bem,
Que encarar as coisas rindo
E' viver, é goso infindo,
E' um prazer que se tem.

E demais, eu penso então,
Bem ou mal isso não sei,
Ser o jornal o balão
Onde subir me verão
A' gloria que eu já sonhei.

Coimbra — 1911.

# Seis caricaturas

o o o

I

O BARBOSA não desgosta
De caçar uma sopeira,
E é quem puxa a maior posta
Na mesa da petisqueira.

2

O CARDOSO toma a peito
Fazer-nos rir quando fala;
E' cortez, e tem seu geito
Para armar em mestre-sala.

3

O SERRAS tem compromisso.
Coisas sérias afinal!
Mas vê-se que apezar d'isso
Apanha o seu vendaval.

4

O CARVALHO é incisivo.
Em todas quaesquer funções,
Levanta um brinde expressivo:
— *P'las nossas inclinações!...*

5

O PIMENTA, apimentado,
Farejando coisa nova,
Mostra-se muito empenhado
Em ir até Penacova.

6

O GALVÃO é de manias,
E esta é das principaes:
Faz versos todos os dias
Mesmo em bilhetes postaes!

Coimbra — 1912.

# Mote glosado

o o o

MOTE

«O *S. Pedro* abriu as portas
E o *Pavão* bateu as azas.» (1)

PRIMEIRA GLOSA

Ambos fizeram tenção,
Fosse qual fosse a maneira,
De pôr termo á pasmaceira
Em que os trazia a prisão.

---

(1) Inscrição que os gatunos, conhecidos por aquelas alcunhas, deixaram, segundo se dizia, numa parede duma das celas da Penitenciaria de Coimbra, donde se evadiram em março de 1912.

Por certa combinação,
Vendo as coisas muito tortas,
Claro está que em horas mortas,
Tendo-se os guardas deitado,
Trabalhando com cuidado,
O *S. Pedro* abriu as portas.

SEGUNDA GLOSA

E afinal foi, na verdade,
Um servicinho de geito;
Foi um sacrificio feito
Por amor á liberdade.
Olhando a facilidade
Com que se sae de taes casas,
Amante das boas vazas,
E certo de que o não *comem,*
Esquecendo que era homem,
O *Pavão* bateu as azas.

Coimbra — 1912.

# A menina Joana

*(Xacara dedicada a C. de C. Junior)*

o o o

I

Num quarto de certa rua
Certo estudante habitava,
Quando com ele, uma noite,
Outro estudante falava.

2

Havia já quatro dias
Que a ambos eles constava
Que numa casa ali proxima
Nova *pêga* se instalava.

3

Ambos estavam d'acordo
Em que ela sorte lhes dava,
Nem outra coisa, por certo,
O seu olhar indicava.

4

Considerando este ponto,
Logo um deles alvitrava
Entrevistar a mulher
Que enternecida os olhava.

5

P'ra conseguir este fim
Qualquer pretexto adregava,
Contanto que eles falassem
Ao anjo que ali pousava.

6

Já para a porta da casa
O grupo se encaminhava,
E, havendo na casa escadas,
A subil-as se apressava.

7

Um deles bateu á porta,
E á *pêga* já perguntava
Se era a *menina Joana*
Que nessa casa morava.

*
* *

8

Ela, ouvindo atentamente,
Em seguida respondia
Que ali nenhuma Joana
Em tal casa residia.

9

Terminante era a resposta,
Mas o ladino insistia,
Dizendo que era ali mesmo,
Segundo lhe parecia.

10

Continuando a insistir
Bom resultado não via,
Começa a mirar o quarto,
E o seu bom gosto elogia.

11

Já ela então com a porta
Na cara deles batia,
E lá dentro, em roucos berros,
Por mil demonios bramia.

*

* *

12

Os estudantes desceram
As escadas apressados
Receando ser, por ela
Mais uma vez bàtizados.

13

Ela bem lhes prometera,
E aqueles vasos sagrados
Em que ela falou, deixavam-n-os
Tristemente perfumados.

*

* *

14

Outro estudante lhes disse
Que a *Joana* ali vivia,
Ou, não sendo ela, a dif'rença
Só no nome existiria.

15

Por isto que se passou,
Depois, no seguinte dia,
Já por *menina Joana*
Toda a gente a conhecia.

*
* *

16

Para os rapazes aquilo
Foi na verdade, uma espiga:
Tinham gosto em ver de perto
Os olhos da rapariga;

17

Os taes olhos maganões,
Os taes olhos d'uma figa,
Olhos que estavam por conta
De pessoa muito amiga.

Coimbra — 1912.

# Agulha e dedal

*Poësia dedicada*
*a umas vizinhas costureiras.*

o o o

A costura é serviço dos mais delicados.
Exige breve mão em pulso firme; dedos
Ligeiros e afusados,
Fina agulha, dedal sempre seguro,
Olhos quêdos,
Para se prepararem com esmerado apuro
As sedas e os bordados.

Olhos quêdos! Alguem os viu alguma vez
Em rosto de costureiras?
Inquietos, sim, contrastando
Com riso languido e brando,
Com labios incolores, com a morbidez
Das azulinas olheiras.

Ai olheiras! Ai olheiras!
Pintas de tintas subtís!
Segredae-me, costureiras,
Por que razão não dormis.

Agulha que tanto furas,
Dedal que a tanto resistes,
Contae-me bem,
Sem logro, sem
Feminis imposturas,
Se serão sonhos tristes
Os dessas criaturas.

Os sonhos de tristezas roubam-nos as côres,
Deitam sinistro veu de sombrios palores
Sobre as faces rosadas.
Mas a quem tenha sonhos de vivo prazer
Hão-de tambem, por certo, sim, aparecer
As faces desbotadas.

Costureiras, propicios malmequeres,
Sabei que tenho horror aos alfaiates:
Repugnei sempre humildes e magnates
Que se dão ao serviço de mulheres.

E' muito delicado esse serviço.
Não é qualquer palerma ou qualquer pulha,
Por se dispor a isso,
Que se sae bem pegando numa agulha.

Para a meter
Em bom caminho,
Preciso é ter
Certo geitinho.

E esse tal geito só tem
O ente em quem a Natureza
Poz toda a delicadeza —
A mulher e mais ninguem.

Agulha e dedal,
Não me queiraes mal,
Contae-me os pecados,
Contae-me os segredos
Desses finos dedos
P'los quaes sois levados!

Agulha partida,
Rachou-se o dedal!
Ai, ai, minha vida,
Que triste final!
Agulha partida,
Que é dele, o dedal?

Coimbra — 1912.

# Piano e violino

*Poësia dedicada a umas vizinhas*
*que tocam estes instrumentos.*

o o o

Á musica me impele o meu fadario.
Um pouco de piano deixa-me encantado.
Mas acho necessario
Que seja bem tocado.

Tinha gosto em ouvir hinos
Tocados por violinos,
Por essas terras que piso,
Por toda a parte,
Mas entendo que é preciso
Serem tocados com arte.

Mesmo outros instrumentos corro a ouvir tocar,
Porque prézo, a valer, a arte de Mozart.

E a proposito agora me lembrei
Duma engraçada e celebre anedota
Em que Mozart, dos musicos o rei,

Pela musica inflige uma derrota
Em outro musico tambem de lei.
— Urgia dar determinada nota.

O amigo de Mozart, pelo teclado
Polido e resplendente do piano,
Os dedos percorria atrapalhado,

Comtudo simulando rosto ufano,
Como estando em seus planos confiado.
Mas de hora a hora levaria um ano

A fazer numerosas tentativas
Para ferir a nota desejada,
Se a raiva das pessoas impulsivas

O não livrasse duma tal maçada.
E's tu, amor da arte, que cativas
As pessoas, ás vezes para nada!

Desistiu. Ao piano então sentou-se
De Mozart a figura triunfante.
Improvisou, de inicio, o quer que fosse,

Num frenesi de dedos elegante.
Chegado a certa altura debruçou-se
E deu num pronto a nota interessante,
    Segundo a cronica diz,
    Com a ponta do nariz.

*

* *

Foi, pois, assim que Mozart
Descalçou aquela bota,
Donde eu posso concluir
Que para saber tocar
Preciso é dar a tal nota,
Ou não nos podem ouvir.

Se um dia as minhas vizinhas
Encontrarem resistencia
Em dar a nota em questão,

Não devem ficar sósinhas,
A' espera da Providencia!
Mexam as pernas e vão
Em procura dum rapaz
Que tenha nariz capaz.

O meu que é algo comprido
Não o ofereço, é verdade,
Por modestia, está sabido,
Não porque falte vontade.

Inda não quero acabar
Sem primeiro lhes dizer
Que já estou a calcular
Onde m'o mandam meter.
Mas em logares tão vis
Não meto eu o meu nariz.

Coimbra — 1912.

# Travessos patins

*(Poësia dedicada a umas vizinhas que patinam todo o dia).*

o o o

Eu tenho gosto em ver-te patinar,
Porque, quando patinas,
Mostras o gracioso e vivo olhar
Das crianças traquinas.

Sobre o cimento passas deslisando,
Com fantastico aprumo,
E eu a mim mesmo fico perguntando:
— Qual será o seu rumo?

Impossivel sabêl-o.
Ao vento desfraldas o loiro cabelo,
Mercê das travessuras,
Viravoltas que fazes,
A ponto de tentares as consciencias puras,
E as furias dos rapazes.

Eu tenho gosto em ver-te patinar,
Porque, quando patinas,
Espraias a fugir, aquele olhar
Das grandes heroïnas.

Quando correndo vens lá do fundo da sala,
Vou recostar-me á ultima janela,
E tenho a impressão de que uma caravela
Chegando vem das terras de Sofala.
Mas a bandeira é o teu cabelo loiro,
Esparso tremulando á viração subtil,
Talvez nos venha pois, como nos vinha o oiro,
Das terras do Brasil.

Eu tenho gosto em ver-te patinar,
Porque, quando patinas,
Mostras o gracioso e vivo olhar
Das crianças traquinas.

Mas hoje o meu gosto mudou-se em desgosto,
Naquela ocasião,
Em que vi retratado no teu rosto
O transtorno fatal do trambolhão.
Eu, a falar verdade, não vi nada.
Essas coisas que dizem julgo-as falsas.
Só tenho a lamentar que a minha amada
Se meta a patinar sem trazer calças!

Mas deixa! Continúa a patinar,
Porque, mulher querida,
Exibes, quando caes, um certo ar
De heroïna vencida!

Coimbra — 1912.

# Vida de cantigas

O Precioso, que é cego, pára diante de meia duzia de paspalhos, tange a guitarra, esgazeia os olhos que parecem de vidro, e dispõe-se a ganhar os 10 reisinhos:

o o o

I

Minha mãe foi Preciosa,
Foi dela que o nome veiu,
Eu era ainda uma rosa
Que a pobre trazia ao seio.

2

Criancinha, está sabido,
Quando foram bàtizar-me
Minha mãe, pelo marido,
Queria Antonio chamar-me.

3

Não sei porém a razão
Por que não fez o que qu'ria.
Seria por meu irmão?
Seria por minha tia?

4

Não sei. Pedi-lhe uma vez
Que o motivo me dissesse;
Pedi-lhe duas e tres,
E por fim eis que obedece...

5

Do peito soltando um ai,
Diz minha mãe que eu amei:
— «Quiz pôr-te o nome do pae
Mas esse nome não sei».

6

Se ha coisas na nossa vida
Que devemos fixar bem,
Esta coisa indefinida
E' dessas coisas tambem.

7

Uma vez estive quase
A descobrir a piada
Que possa haver nesta frase;
E afinal não vejo nada.

8

Seja pois ou não capaz
De ver o que inda não visse,
Eu sou um bello rapaz,
Sou Precioso, já disse.

E o Precioso, que é cego, e que ainda não sabe que é filho de pae incognito, faz larga colheita, e vae cantar a outras paragens.

Coimbra — 1912.

# A Universidade

o o o

*Vozes pelas ruas:*

Olha *A Universidade* por 10 réis!...

Poeta, *monologando:*

Pode lá ser!
Esta gente
Endoideceu certamente.

Lentes, archeiros, bedeis,
Mesas, bancos e cadeiras,
Livros, poeiras, papeis,
*Fedorentices,* asneiras,

Tudo isto por 10 réis!?

Pode lá ser!
E quem sabe
Se é tambem o casarão,
Se na venda tambem cabe
A torre, a *cabra*, o *cabrão*...!

Vou perguntar.

*(Chamando)*

—«O' rapaz!
Vem cá dizer-me como é
Que esse negocio se faz.»

*(Para si)*

E' bem provavel até
Que eu realize a adquisição
Dalgum atletico archeiro
Para meu guarda-portão.

Gastarei pouco dinheiro.

Lentes — nada.
Custariam
Por certo um dinheirão louco,
E o serviço que fariam
Deveria ser tão pouco...

De bedeis levarei quatro.

Má sorte que os desintegras
Do seu nicho!
No teatro,
Devem dar bons contra-regras.

Papeis e livros não quero.
Para os destinos seguros
Que eu lhes dava — sou sincero —
Acho-os asperos e duros.

E havemos de ver o resto.
Pouco preço!
Com casaco,
Qualquer lente, é manifesto
Que vale mais dum pataco.

*(Tornando a chamar)*

— «Não ouves, ó rapazola?
Dos lentes quanto é o lote?
Só p'ra saber.»

O GAROTO:

— «Que graçola!
Julga que vou nesse bote?
O que eu vendo são jornaes.»

POETA *vendo a nova publicação intitulada «A Universidade».*

Oh negro destino humano!
Das ilusões colossaes
É cruel o desengano.

Sem duvida, estou em frente
Duma importante revista
Que trata eruditamente

De Artes, Letras e Ciencias.
E demais é feminista,
Alem doutras excelencias!

Talvez seja dirigida
Por penas bem delicadas,
Pois que andam na nossa lida
Senhoras muito avançadas!

*(Voltando a primeira folha)*

Vou ver.
O escrever exige
Grande competencia. Safa!

*(Com vivacidade)*

Olha, é certo, quem dirige
E' a Maria Marrafa!...
.....
.....
.....

*

* *

Quanto á primeira questão,
Logo vi que era insensato
Vender em chocho leilão

*Fedorentices,* asneiras,
Livros, poeiras, papeis,
Mesas, bancos e cadeiras,
Lentes, archeiros, bedeis,

Por um preço tão barato!

*Uma voz, ao longe:*

Olha *A Universidade,* por 10 réis!...

Coimbra — 1912.

# Proverbios comentados

o o o

## I

*A Ferro Juntor.*

Diz-se que «homem pequenino
Ou velhaco ou dançarino»;
Mas tu, amigo ditoso,
Nem danças, nem és velhaco,
No que andas com muito caco:
Ser velhaco é perigoso.

Ás mulheres não te agarras,
Velhacarias não usas,
Não te arrastam as guitarras
Pelas vielas escusas.

*

* *

Não te encante loira trança
Nem palavrinhas mui ternas...
Continua a tua dança
De não mexeres as pernas!

Teu proceder não ataco.
Isto é só questão de rima.
Continua a ser velhaco
Da cintura para cima!...

II

«A nenhuma mesa,
Ou tua ou alheia,
Te deves sentar
Co'a bexiga cheia.»

E compreende-se bem
Qual a vantagem subida
Que toda a pessoa tem
Usando uma tal medida.

Suponhamos que um barão
Da tal fidalguia antiga,
Que trazia o coração
Em amorfa confusão
Com a massa da barriga,
    A lauta mesa se senta
    Sem despejar a bexiga,
    E a certa altura — que espiga! —
    A bexiga lhe rebenta.

Lá se perdia o jantar,
E o barão, por ser casmurro,
Teria depois que usar
Uma bexiga de burro!...

III

«De amigo reconciliado
E de caldo requentado,
Nunca bom bocado.» Então,
Para fugir a perigos,
Falarei aos meus amigos
Sem apertar-lhes a mão.

IV

«O amor não tem lei.»
Que palavras tão falsas!
Por quatro beijos que dei
'Stou metido em boas calças!...

Coimbra — 1912.

# João Generoso

(Monologo)

o o o

I

Eu sou João Generoso,
Rapaz de bom coração,
Para as viuvas esposo
Como bem poucos o são.

2

Para as casadas — solteiro,
Para as solteiras casado,
A não ser que haja dinheiro,
E que o pae seja poupado.

3

Casar, casar, vale a pena
Se em boa forma casamos:
Pae rico, boa pequena,
Poupa ele e nós gastamos.

4

Basta saber o meu nome
Para logo se dizer:
— Nunca ninguem terá fome
Emquanto aquele viver. —

5

Generoso me chamaram,
E nunca, em boa verdade,
Com tanto juizo andaram
Nem com tanta propriedade.

6

Mas ha então muita gente
Que me chateia mil vezes,
Julgando provavelmente
Que isto é roupa de francezes.

7

Ha dias encontro o Dias
Que me aperta muito a mão.
Diz-me o Dias: — «Que dirias
Se eu te pedisse um tostão?»

8

Eu fingi-me apatetado,
E só lhe disse: — «Ora essa!
Eu passo bem, obrigado;
Mas sempre levo uma pressa...»

9

E desatei a correr,
Mais leve de que um caniço,
Para emfim o convencer
De que era muito o serviço.

10

Cheguei ao cimo da rua
E ainda o Dias chamou.
Gritei-lhe: — «Fecha a comúa,
Que eu nessa fita não vou».

11

De amigos exploradores
Sou perseguido ás centenas.
Assim tivesse eu amores,
Fossem tantas as pequenas!

12

Alem de que eu não me queixo
Quanto á côrte das donzelas:
Fazem de mim como um eixo,
E á roda então giram elas.

13

Se é baile em que eu apareça,
Tenho sempre tentações
De perder logo a cabeça,
De gosar essas paixões.

14

O seu amor uma explica;
Outra quer-me p'ra dançar;
Outra ainda me dedica
A valsa que vae tocar.

15

No domingo atraz passado,
Formosa e joven donzela
Confessou-me o seu pecado:
— Tenho-te amor — me disse ela.

16

Depois começa a falar
Em safiras, em opalas...
E eu não deixei d'exclamar:
— Ai filha! que bem que falas!...

17

Sou feliz com as mulheres.
E atenção agora peço:
Nunca fiz um *pé d'alferes*
Sem favoravel sucesso.

18

Tambem me meto em politica,
Tambem com isso eu arranco:
Já numa situação critica
Alguem me chamou João Franco.

19

Senti toldar-se-me a vista
Num frenesi desumano...
Franco não sou, nem franquista,
Sempre fui republicano.

20

Agora ponto final.
Para vós, espètadores,
O meu coração leal.
— Boa noite, meus senhores!

(Cae o pano)

Coimbra — 1910.

# Duelomaniaco

(Monologo)

o o o

I

Ultrajada a minha honra,
Vou logo desafrontar-me.
Quem ultrajou que se arme,
Quero bater-me em duelo.
Lá em campo esse vilão,
O patife, o monstro horrendo,
Ou morre ou fica sabendo
Quem é Francisco de Melo.

2

Sempre fui homem de brios,
Radical, intransigente.
Ofender-me impunemente
Ninguem ainda logrou.
Só quando eu for muito velho,
Mais velho que Zebedeu;
Quando não possa, porque eu
De brincadeiras não sou.

3

Mesmo na minha velhice
Quem terá o atrevimento,
O baixo comportamento
De atirar palavras chãs
A' face do meu orgulho?
Direi a meu filho — «Vae!
Vinga a honra de teu pae,
Faz respeitar estas cans».

4

Ante mim todos se curvam
Do cobarde ao mais altivo.
E' meu gosto, emquanto vivo,
Curvada ver toda a gente;
Para que após minha morte
Se diga em minha memoria:
—Foi sempre sua a vitoria,
Foi um heroe, um valente.—

5

Eu chego até por momentos
A ver-me senhor do mundo.
Este sentir é profundo:
Ou ser forte ou não ser nada.
Sou respeitado e temido.
Continencia!... Tudo em guarda!...
Este casaco é uma farda,
Esta bengala uma espada!

6

Eu jogo todas as armas,
Não tenho medo a ninguem.
Faço mais, deixo tambem
Ao outro escolher o ferro.
E lá no campo da honra,
De começar no instante,
Para aturdir o tratante
Só basta pregar-lhe um berro.

7

Eu todas as regalias
Concedo ao meu adversario.
O meu armamento é vario,
E a sala d'armas se abre
Para ele as escolher.
Tenho floretes, pistolas,
Armas brancas hespanholas,
Muita espada, muito sabre.

8

E para quê tantas armas,
Se os biltres na maioria
Insultam com ousadia
Mas recuam sem coragem?
Para esses meu desforço
Querem vossencias sabêl-o?
Chegar-lhes a roupa ao pêlo,
E aos ossos quando reagem.

9

Com homens fui sempre assim.
Nem mesmo tinha pensado
Que a mulher, por meu pecado,
Tirasse de mim partido.
Porém hoje, meus senhores,
Na presente ocasião,
Não posso dizer que não,
Porque ando em saias metido.

10

Foi o caso que no baile
Fez-me alguem um desafio
Tão serio que me não rio.
Aquilo é que foi o belo!
A dama que estava em frente
Lançou-me ao peito, nervosa,
Em vez da luva uma rosa,
E convidou-me ao duelo.

11

Aceitei aquele repto.
E eu que sou forte a valer
Comecei logo a tremer.
Tudo pronto sem demora!
E' pena se ela desiste!
Emfim eu cá vou andando,
As armas vou preparando
Que já deve ser a hora.

(Cae o pano)

Coimbra — 1910.

# Livraria Neves

CENTRO DE PUBLICAÇÕES

## Trata de todos os negocios da Universidade

---

Deposito da revista de maior circulação
e a de maior luxo que se publica em Portugal

## "A RAJADA"

---

Todas as obras d'esta livraria são encontradas nos seus depositarios de Lisboa e Porto e nas principaes localidades do continente, Ilha da Madeira e Açores.

No Brazil:
Rio de Janeiro,
Bello Horisonte,
S. Paulo,
Maranhão.

Hespanha:
Madrid.

França:
Paris.

Italia:
Milão.

O proprietario d'esta livraria

*Joaquim da Silva Neves.*

R. Candido dos Reis, 62 a 66 — Coimbra.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

PQ
9261
G284R5

Galvao, Sebastiao dos Santos
Risadas

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 03 03 010 1